

**A heterogeneidade da imprensa do interior:
reflexões sobre o tema nas pesquisas latino-americanas**

**The heterogeneity of the countryside press:
reflections on Latin American research**

Nayara KOBORI¹
Aline Ferreira PÁDUA²

Resumo

Observando a imprensa do interior e buscando compreender sua heterogeneidade, buscamos, neste artigo refletir a citada imprensa a partir, primeiro, da discussão sobre conceituações e definições. São diversos os termos utilizados para tratar da imprensa do interior, tais como, jornalismo/imprensa do interior, jornalismo/imprensa regional, jornalismo/imprensa local, jornalismo de proximidade; objetivamos, aqui, apontar para possíveis distanciamentos e complementações entre os termos e refletir sobre seus usos. Em um segundo momento, a abordagem se volta para os modos de fazer imprensa no interior apontando para características que a diferem do jornalismo dos grandes centros. Utilizamos como referenciais pesquisas latino-americanas e portuguesas.

Palavras-chave: Imprensa do interior. Brasil. Estado de São Paulo. Teorias. Reflexão.

Abstract

Observing the countryside press and seeking to understand its heterogeneity, we seek, in this article, to reflect the aforementioned press and the discussion of conceptualizations and definitions. There are several terms used to deal with the interior press, such as, journalism /countryside press, regional journalism/press, local journalism/press and proximity journalism; so we aim here to point out possible distances and complements between the terms and reflect on their uses. In a second, the approach turns to ways of doing press on the inside pointing to characteristics that differ from journalism of the major centers. We use Latin American and Portuguese research as references.

Key words: Countryside press. Brazil. São Paulo State. Theories. Reflection.

¹ Mestre em Comunicação Midiática, pela FAAC-UNESP. E-mail: nayarakobori@gmail.com.

² Mestre em Comunicação Midiática, pela FAAC-UNESP. Professora do SENAC, em São José do Rio Preto. E-mail: aline_ferreira_padua@gmail.com.

Introdução

O presente estudo tem como finalidade contribuir para as discussões que envolvem a chamada “imprensa do interior”, tendo como foco a produção jornalística impressa no contexto brasileiro, mais especificamente, no interior do Estado de São Paulo. No Brasil, os estudos que envolvem o local são fragmentários, mas são essenciais para a construção do saber sobre o tema. São significativos os estudos de Beatriz Dornelles (2013), Dirceu Fernando Lopes (1998), Cicília Peruzzo (2005), Maximiliano Martin Vicente (2010) e Célio José Losnak (2004).

A importância da imprensa do interior está não apenas na forte territorialização do meio, mas também na identificação do leitor com a publicação, independente da linha editorial (CICILLINI; LIMA, 2005; LOPES, 1998). Por esse motivo, Cicillini e Lima (2005) ressaltam que a natureza do jornalismo do interior está complementada pelo fator da proximidade. Peruzzo (2005) acrescenta que se pressupõe que o jornalismo local seja aquele que retrate a realidade regional ou local, trabalhando, portanto, a informação de proximidade.

Diante disso, a partir das considerações de pesquisadores do Brasil e, também, de Portugal, como Carlos Camponez (2002) e Joaquim Ribeiro (2010), foi possível traçar uma linha de investigação e de revisão bibliográfica, delineamos, neste artigo, as reflexões para o contexto específico latino-americano, tanto sobre a definição sobre o termo, quanto para as práticas jornalísticas da localidade.

Em um primeiro momento, a revisão traz uma abordagem sobre os apontamentos teóricos sobre o termo, em um debate que envolve qual a correta definição de “Imprensa do Interior”, bem como de jornalismo local, jornalismo regional e jornalismo de proximidade, problematizando o emprego dos termos em diversos contextos e seu uso como sinônimos, além dos valores-notícia que definem o que é local.

Posteriormente trataremos das práticas jornalísticas do interior buscando em referenciais como Dornelles (2013) e Bueno (2013) um levantamento das características que definem as diversas práticas desse jornalismo. É importante ressaltar, porém, antes de iniciarmos nossa discussão, que acreditamos na pluralidade de modos de fazer

imprensa no interior não só no Estado de São Paulo, mas também no Brasil, que ainda necessitam ser explorados e observados sob a ótica dos aportes teóricos organizados até o momento.

Encerramos nossa revisão e discussão bibliográfica com considerações sobre a heterogeneidade da imprensa do interior, compreendendo o porquê dos debates, tendo como desfecho as inúmeras práticas de jornalismo na América Latina, com foco no Brasil. Assim, ressaltamos que a imprensa do interior é vista como uma importante fonte de pesquisa para os estudos de Comunicação, sendo uma das chaves para a compreensão das múltiplas formas de fazer jornalismo.

Mas, afinal o que é imprensa do interior?

Os conceitos que envolvem a imprensa do interior tendem a evidenciar a questão da localidade. Contudo, há inúmeras definições que carecem de desenvolvimento, principalmente, com relação à multiplicidade de termos, com o uso das denominações “imprensa/jornalismo do interior”, “jornalismo local”, “imprensa/jornalismo regional” e “jornalismo de proximidade”. Apesar de, em muitos casos, essas denominações serem usadas como sinônimos é preciso atentar-se quanto às diferenças que determinam cada característica do que é a imprensa do interior.

No Brasil, os estudos que envolvem o local são fragmentários e difusos, embora os últimos anos tenham demonstrado um avanço sobre o tema. São notáveis os estudos de Gastão Thomaz de Almeida, Beatriz Dornelles, Dirceu Fernando Lopes, Cícilia Peruzzo e Maximiliano Martín Vicente.

Portugal desenvolveu pesquisas sobre a questão da localidade e sobre as características dos jornais afastados dos centros urbanos – com destaque para a figura do pesquisador Carlos Camponez. De acordo com Joaquim Ribeiro (2010), a imprensa do interior em Portugal tem grande importância na vida das populações, já que, muitas vezes, é o único órgão de comunicação social lido na comunidade. Isso porque a organização das urbes portuguesas se difere um pouco da apresentação das cidades brasileiras: há as chamadas “comunas”, pequenas comunidades independentes afastadas dos centros urbanos, que possuem relativa autonomia. Assim, os veículos locais de

Portugal relatam acontecimentos ocorridos “à porta de casa”, dos quais nenhum outro periódico comenta, contribuindo para a unidade, identidade e desenvolvimento local (RIBEIRO, 2010).

Nesse sentido, os jornais interioranos de Portugal “têm uma participação ativa na comunidade, através da organização de debates, liderança em projetos de relevância regional, organização de campanhas em defesa dos interesses do espaço territorial” (RIBEIRO, 2010, p. 5) e, assim, afirmam o local em face ao global.

Para Ribeiro (2010), a origem da imprensa localizada no interior em Portugal data a Revolução Liberal de 1820³, também chamada de Revolução do Porto, e a promulgação da Carta Constitucional portuguesa. Diz o autor que durante o período, houve a proliferação de jornais locais e regionais ligados à Igreja Católica, bem como o surgimento de pequenas empresas de comunicação ou autarquias, que eram ligadas às elites literárias da época do século XIX. Um dos exemplos é o jornal conhecido como “Distrito de Évora”, fundado em 1866, pelo escritor Eça de Queirós, que percebia que as notícias não dependem “tanto da sua intensidade ou dimensão, mas da distância a que se encontram do nosso quotidiano imediato” (RIBEIRO, 2010, p. 5).

Identificar o que é imprensa regional ou do interior não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, há uma grande diversidade de termos que caracterizam esse tipo de jornalismo, mas essas concepções não são sinônimas em termos científicos. Portanto, a discussão está justamente nesse ponto: conceber em que medida o localismo visto enquanto território e local de publicação, bem como o público a quem se destina, ou pelo conteúdo veiculado (RIBEIRO, 2010, p. 10). Para Camponez (2002), a imprensa regional e do interior trata a informação local. Mas, em que medida esses conceitos se aproximam ou se afastam?

Camponez (2002) fez um estudo sobre a imprensa local e regional portuguesa, a partir dos jornais “Diário de Leiria”, “O Mensageiro”, “Voz do Domingo” e “Região de Leiria”. Apesar dos objetos de estudo e a própria pesquisa terem sido realizadas em Portugal, as considerações tecidas pelo pesquisador podem ser aplicadas na América

³ A Revolução Liberal do Porto de 1820 culminou com o fim do absolutismo e a promulgação da primeira Constituição em Portugal. O movimento teve influência no Brasil, com o retorno da Corte Portuguesa, que se encontrava nas terras brasileiras desde 1808. Conferir: RAMOS, L. A. **História do Porto**. Porto: Editora Porto, 2000.

Latina e no Brasil, principalmente, para entender as características que diferem o jornalismo do interior da grande imprensa dos centros urbanos.

Uma das principais reflexões de Camponez (2002) centra-se no argumento de que toda imprensa, antes de ser nacional, é regional. Ou seja, um jornal nascido nas capitais também possui um elo com a comunidade geográfica a qual se destina. Contudo, Camponez (2002) afirma que o que diferencia esses dois modelos de produção é a forma de organização empresarial. Na grande imprensa, temos uma abordagem de temas gerais e generalista, voltadas para um público disseminado em diferentes territórios mais ou menos vastos (CAMPONEZ, 2002, p. 109).

Cicília Peruzzo (2005), pesquisadora brasileira, também compartilha da mesma afirmação de Carlos Camponez (2002), ao dizer que historicamente tanto o jornal quanto o rádio e a televisão também surgem com certo raio de abrangência local ou regional. Assim, esses meios desenvolvem seu potencial de alcance, com atuação nacional ou internacional (PERUZZO, 2005, p. 69).

Dirceu Fernando Lopes (1998) diz que o morador irá buscar e encontrar nos jornais locais as informações que interessam para o dia-a-dia, em uma linguagem acessível e particular. Assim, esse mesmo leitor também irá buscar as ocorrências em nível nacional e internacional, mas ele precisa de um órgão que reflita seus costumes, suas ideias e crie laços de identidade (BELTRÃO, 2013). É esse o papel dos impressos locais e regionais que, nas palavras de Luiz Beltrão (2013, p. 23), é “a voz jornalística de nossa cidade”. Dessa forma, a imprensa local aborda assuntos que afetam diretamente a vida das pessoas, em seu ambiente de moradia e vida cotidiana (PERUZZO, 2005, p. 76).

Beltrão (2013) também disserta sobre a função social da imprensa local. Para o autor, ela é instrumento de comunicação social e liderança social, além de tornar mais efetivo o controle dos comportamentos humanos, pois colabora com a elaboração da opinião pública. Além disso, a imprensa local analisa “os atos humanos praticados pelos responsáveis pela direção da comunidade, aplaudindo-os ou condenando-os, premiando-os ou denunciando-os” (BELTRÃO, 2013, p. 34). A imprensa local também atua na dinâmica da vida social, por meio da “participação ativa nos conflitos sociais, isto é, nos

atritos de indivíduos e grupos à procura de soluções para os problemas engendrados pela evolução no comportamento da comunidade” (BELTRÃO, 2013, p. 34).

Nesse sentido e diante de tais considerações, sobressai uma das características mais importantes, que transpassa por todas as denominações (interior, local e regional): o localismo. De acordo com Beatriz Dornelles (2013), o localismo é definido pela condição geográfica e pela área de circulação dos veículos do interior, o que restringe o âmbito de ação, pois os jornais estão amarrados às questões de espaço territorial, lugar de produção e cobertura dos acontecimentos. Por esse motivo, a autora diz que os conteúdos locais são de interesse de um público local, especialmente, aos temas ligados à economia do ambiente de atuação.

Dornelles (2013) também ressalta que as publicações interioranas podem ser conhecidas pela sede territorial de publicação, âmbito de cobertura, difusão dos acontecimentos, a intencionalidade dos meios de comunicação, os contratos simbólicos e pelo tratamento da informação. Isso irá demonstrar a percepção do jornal sobre o leitor, bem como a relação com as fontes institucionais (DORNELLES, 2013).

Na denominação do regional, Colussi (2005) afirma a necessidade de compreender que há uma ligação entre a localização territorial e a territorialização dos conteúdos. Assim, tanto o regional quanto o interior contemplam os mecanismos de produção em um espaço delimitado e o sentimento de pertencimento. O jornal do interior é distribuído em áreas afastadas dos centros urbanos, bem como o regional, que também está inserido geograficamente no interior, com o tratamento das notícias locais. O local, no caso, é ideológico, com a percepção dos conceitos de valor-notícia de proximidade.

Segundo Dornelles (2013), a proximidade é o elemento mais importante da constituição dos jornais regionais e interioranos, pois ela é local e ideológica, sendo transversal a todos os outros valores-notícia. É valendo-se da proximidade que o jornalismo do interior e regional percebe os contextos que determinam os outros valores e, dessa maneira, pode organizar os elementos que dizem respeito à novidade, atualidade, relevância, consonância, desvio e negatividade (DORNELLES, 2013).

Para Cicillini e Lima (2005), a natureza do jornalismo do interior e a preferência dos leitores pelos veículos locais devem-se ao fator de proximidade. Bueno (2013)

ressalta que a cobertura dos meios locais preenche o vazio do que é veiculado pela grande imprensa, que não se ocupa de assuntos cotidianos dos municípios afastados das capitais. De acordo com Camponez (2002, p. 19), a imprensa local e regional tem o compromisso com o seu território geograficamente localizado, com as pessoas que ali habitam e é constituída por informações que se referem à área de atuação.

A proximidade tem a ver com as realidades sociais que nos rodeiam, os serviços de que dispomos na nossa vila ou aldeia. E essa realidade só pode ser apreendida pela imprensa local e por uma abordagem bastante segmentada do público (CAMPONEZ, 2002, p. 119).

Complementa Peruzzo (2005) ao dizer que além das dimensões geográficas, o “território” também é definido pelas bases culturais, ideológicas, idiomáticas e de circulação da informação. Dessa forma, a mídia local e regional tem laços originados em uma determinada região, fato que dialoga com o *locus* territorial (PERUZZO, 2005, p. 76). Assim, a autora diz que as dimensões de familiaridade, no campo das identidades histórico-culturais, como as tradições, valores e religião, bem como as questões que envolvem proximidade de interesses, sejam eles de caráter ideológico, político ou social, são tão importantes quanto à base física (PERUZZO, 2005, p. 75).

Desse modo, a imprensa local faz com que os leitores se “interessem pelo ambiente que os rodeia, por formá-los e levá-los a assumir, uma atitude participativa do ponto de vista social” (CAMPONEZ, 2002, p. 122). Ela tem a função social de manter a vida democrática, a partir da troca de ideias e promoção de debates. Nessa linha, Dornelles (2005) argumenta que o jornal do interior tem a pretensão de voltar-se para a comunidade e atender seus anseios e reivindicações e, assim, forma-se um órgão que vai à contramão da grande mídia, com o objetivo principal de atender as necessidades particulares do espaço urbano em que está inserido.

Apesar disso, Vicente (2010) diz que tais considerações não colocam o jornalismo local em um pedestal, pois muitos desses periódicos são dominados pela elite financeira e intelectual do município, o que denota parte de estratégias de manutenção da dominação e da hegemonia. Camponez (2002) também corrobora para a afirmação, ao dizer que, muitas vezes, a imprensa do interior reproduz o discurso das elites locais (muitas vezes, proprietárias dos veículos de comunicação), que assumem

suas ideologias e interesses como parte dos interesses da população como um todo. João Carlos Correia (1998) também reforça essa ligação da imprensa com as elites, ressaltando a presença de marcas discursivas que fortalecem determinadas opiniões, em prol de interesses. Por isso, é necessária uma leitura crítica por parte de quem pesquisa jornalismo regional, para compreender a singularidade e originalidade do objeto de estudo, percebendo as articulações narrativas que compõem o conteúdo da mensagem. Contudo, a imprensa do interior convive de perto com os problemas da região onde circula, o que dá a imprensa do interior o papel de fiscalizador dos poderes políticos e administrativos (COLUSSI, 2005).

O jornalismo e a imprensa local, portanto, fazem com que os leitores “se interessem pelo ambiente que os rodeia, por forma-los e leva-los a assumir, uma atitude participativa do ponto de vista social” (CAMPONEZ, 2002, p. 122). De acordo com Camponez, o jornalismo do interior tem a função manter a da vida democrática, com a troca de ideias e promoção de debates. Diante dessa perspectiva, Dornelles (2005) constrói o argumento de que a filosofia do jornal interiorano tem como pretensão voltar-se para a comunidade e atender seus anseios e reivindicações e, assim, forma um órgão que vai na direção contrária da grande mídia, tendo como função principal atender as necessidades particulares do espaço urbano em que está inserido. A autora diz que o localismo é o grande condicionante da circulação das folhas impressas, criando elos com a comunidade – fato que aproxima a mídia local com as práticas comunitárias, resultando em “manifestações de comprometimentos sociais de ambas, em maior ou menor grau e na disseminação da diversidade cultural, através da mídia local e comunitária” (DORNELLES, 2005, p.1).

Entretanto, Peruzzo (2005, p. 73) chama atenção para o seguinte aspecto: embora inúmeras práticas jornalísticas regionais e locais se apresentem como comunitárias, nem todo veículo de comunicação pode ser definido dessa maneira. “Trata-se de uma confusão natural, visto que o comunitário não pressupõe uma compreensão uníssona” (PERUZZO, 2005, p. 73). Ou seja, para a pesquisadora, há espaço para o comunitário nos jornais locais, em um sentido implícito que envolve a participação popular autônoma. Assim, denota-se “uma comunicação destinada a

atender demandas locais mediante o exercício da cidadania, a partir dos próprios cidadãos” (PERUZZO, 2005, p. 77).

Dessa forma, os órgãos locais e regionais cumprem sua função comunitária na medida em que buscam trazer informações para os leitores sobre o espaço em que se encontram. Mais uma vez, valoriza-se o localismo e proximidade territorial (BUENO, 2013). O adjetivo “comunitário”, segundo Bueno (2013), não aparece somente na perspectiva participativa, mas também integra o quadro de quais notícias o público que ver e como a imprensa local serve de alimento para a fome das notícias cotidianas. Porém, nem todo jornalismo comunitário pode ser definido como local, ou vice-versa.

De certa maneira, as considerações dos autores são complementares e ajudam a dar um rosto para a imprensa local, do interior ou regional. Segundo Peruzzo (2005, p. 73), “se a mídia já tem por praxe transgredir fronteiras, de espaço ou tempo, no âmbito regional estas se tornam ainda mais tênues”. Portanto, as discussões que envolvem o jornalismo local e a imprensa do interior são múltiplas e ainda estão em efervescência, como forma de contemplar, de uma forma mais ou menos generalizada, a heterogeneidade dos veículos de comunicação do interior.

As práticas jornalísticas do interior

Os aportes teóricos discutidos até aqui evidenciam a proximidade como valor-notícia na imprensa do interior e o localismo enquanto concepção que abrange questões tanto geográficas quanto ideológicas. Esses referenciais é que nos possibilitam, agora, discutir as práticas jornalísticas do interior observando as características a ele inerentes, que o diferem do jornalismo praticado nos grandes centros urbanos.

Lopes (1998) nos diz que os grandes meios impressos não eliminam os pequenos jornais do interior porque não têm condições de atender algumas de suas funções, tais como as reivindicações da sociedade e a expressão de seus valores. Daí serem os jornais locais, para esse autor, fonte privilegiada de informação para o morador do interior. Tal visão é também reforçada por Peruzzo (2005) que indica que a globalização trouxe ainda a revalorização para a imprensa interiorana e local exigindo enquadramento aos padrões nacionais da grande mídia. Assim temos uma empresa jornalística interada, ao

mesmo tempo, com as questões locais e com os padrões de produção técnicas da grande imprensa.

O que difere, em essência, a imprensa local, regional, do interior e a chamada grande imprensa seria, segundo Ribeiro (2010), o interesse que desperta nos leitores. Um veículo nacional traz conteúdos que despertam interesse de leitores em qualquer ponto do país. Por sua vez, os periódicos locais atendem a uma demanda regionalizada onde prevalecem a proximidade e o localismo. Tal demanda é reflexo e consequência da identificação, quase natural, entre leitor e jornal local.

Tratando das formas de produção da imprensa do interior Dornelles (2013) e Bueno (2013) nos apresentam duas propostas distintas para a caracterização dos periódicos quanto ao tipo da publicação. Dornelles (2013) destaca três vertentes: as empresas jornalísticas, os jornais engajados socialmente e as folhas que servem aos interesses políticos. Já Bueno (2013) reconhece três tipos básicos de folhas jornalísticas no interior: o jornal “quase artesanal”, o jornal local estruturado e o jornal regional.

De acordo com o estudo de Dornelles, pertence ao grupo das *empresas jornalísticas* o veículo constituído como empresa, que visa ao lucro, apresenta espaço publicitário sólido, que dá cobertura aos acontecimentos locais, abordando assuntos diretamente sintonizados com a realidade local, que em geral não têm espaço na grande mídia. Esses jornais assemelham-se aos grandes meios de comunicação no que se refere à lógica de gestão e aos interesses em jogo. No segundo grupo, como *jornais engajados socialmente*, estão os jornais com algumas características próprias das empresas jornalísticas, mas com interesses diferenciados, como contribuir para a ampliação da cidadania e favorecer a participação popular. Já as *folhas que servem aos interesses políticos*, que compõem o terceiro grupo, são aquelas comprometidas com os interesses políticos, com o *staff* governamental ou legislativo e com as forças do poder econômico da região, fator que se torna evidente na leitura do jornal, chegando a influenciar diretamente seus conteúdos.

Por sua vez, Wilson da Costa Bueno (2013) aponta para uma perspectiva pluralista, com diversificação de formatos, estruturas, concepções editoriais, objetivos, dentre outros aspectos. Para esse autor, como já apontado, é possível reconhecer três tipos básicos de folhas jornalísticas no interior: o *jornal “quase artesanal”*, o *jornal*

local estruturado e o jornal regional. Os dois primeiros têm como limite de circulação a cidade ou o município em que mantêm a sua sede, e o terceiro procura exercer sua influência numa determinada região, abarcando, com sua circulação e cobertura algumas cidades ou municípios. Na configuração dos três tipos de imprensa, o autor leva em conta os seguintes elementos: do jornal como empresa, isto é, como forma de organização e produção; o jornal como produto final da empresa, com o qual o leitor mantém contato direto; e os elementos que pertencem à relação jornal/comunidade, isto é, as variáveis que intervêm no processo de interação entre o jornal, como empresa e produto de consumo, e a comunicação em que ele está inserido.

Pensando na estruturação das folhas impressas do interior como empresa, Bueno (2013) aponta que a imprensa regional, e em alguns casos a imprensa local consolidada, aparece como empresa jornalística estruturada, contando com um setor administrativo funcional, com separação da redação e do setor comercial. Nesse grupo, é razoavelmente grande o número de empregados, podendo atingir várias dezenas, que se dividem entre os diversos setores da empresa, obedecendo à lógica da setorização. Há também quantidade considerável de colaboradores, como articulistas e cronistas, que complementam o trabalho da redação. No tocante à profissionalização dos empregados, Bueno (2013) destaca que, na imprensa regional, o nível de especialização é refinado, com profissionais de setores específicos, que se vinculam a diversas editorias, além dos jornalistas graduados. Outro fator importante relacionado à imprensa regional é que ela, geralmente, está respaldada em um conjunto diversificado de anunciantes, contendo parceiros jornalísticos de diferentes mídias sob a mesma direção, como rádio AM e FM, portais na web, etc. Assim, na imprensa regional ou na imprensa local consolidada, há um planejamento empresarial bem estruturado.

Por outro lado, a imprensa “quase artesanal” não possui estrutura empresarial consolidada. Nela não existe, por exemplo, separação entre a redação e o setor comercial. O jornal “quase artesanal”, segundo Bueno, conta com um grupo reduzido de empregados, sendo que os funcionários que exercem função administrativa são em maior número que os da redação. Nesse caso, não há divisão do trabalho, com cada indivíduo acumulando várias funções. Bueno aponta que são raros, aqui, os funcionários especializados, habituados com o negócio jornalístico, sendo elevada a porcentagem de

empregados sem formação superior. A figura do diretor-proprietário aparece como o “faz tudo” do jornal. Este, quase sempre, se liga ao jornalismo por ideal, prestígio social ou *status*. Em termos publicitários, a imprensa “quase artesanal” é pouco agressiva, pouco fazendo para se promover junto aos leitores e anunciantes. Por sua vez, a imprensa local que ainda não se consolidou reproduz a realidade da mídia “quase artesanal”. Ambas, devido à fragilidade financeira e à falta de anunciantes, dependem do apoio do governo, por meio da propaganda oficial, para sobreviver.

Os apontamos de Bueno (2013) sobre a imprensa quase artesanal e Dornelles (2013) em relação aos jornais que servem aos interesses políticos ligam-se ao que expõe Colussi (2005) quando afirma que o jornal local ainda carrega características estereotipadas, que foram construídas no passado. A autora aponta que, para alguns, a imprensa do interior é ainda mais opinativa do que informativa, discutindo problemas ao mesmo tempo em que interfere na política. Reflete-se nela as paixões e disputas políticas relacionadas ao compromisso do veículo com o município (COLUSSI, 2005).

Por outro lado, embora o caráter “quase artesanal” definido por Bueno (2013), as pesquisadoras Cicillini e Lima (2005) apontam que os jornais do interior já aderiram ao uso de tecnologias, com a modernização de projetos gráficos, softwares e qualidade de impressão compatível com as grandes redações. No mesmo sentido, como já apontado aqui, Peruzzo (2005) nos fala da adaptação da imprensa do interior aos padrões da mídia dos grandes centros ocasionada pela globalização.

Em outra perspectiva, Bueno (2013) observa, em seus estudos, o jornal do interior como produto de consumo, discutindo questões ligadas ao conteúdo, tipo de cobertura e linguagem. Em relação à cobertura jornalística temos na imprensa regional, segundo divisão do autor, periodicidade diária e tiragem ampla, fruto da necessidade de cobrir fatos ligados aos diversos municípios que compõe a região. Já a periodicidade da imprensa local não consolidada e da mídia “quase artesanal” é semanal ou trissemanal, exatamente porque lhes falta estrutura jornalística ou financeira para uma cobertura diária.

Ao analisar a linguagem utilizada pelos periódicos do interior o autor distingue duas tendências: na imprensa regional e na local estruturada, a linguagem é objetiva – graças a presença de jornalista profissionais no processo de produção ambas incorporam

as técnicas jornalísticas básicas; na imprensa “quase artesanal”, por outro lado, prevalecem os textos opinativos, laudatórios ou literários.

Por fim, outro elemento considerado por Wilson da Costa Bueno (2013) ao delimitar as práticas jornalísticas interioranas é o jornal como elemento da comunidade. Os impressos sejam eles regionais, locais ou “quase artesanais” cumprem, segundo o pesquisador, uma função comunitária importante, buscando trazer aos leitores informações e fatos ligados ao ambiente onde circulam. São esses veículos que, por meio do localismo e da proximidade, preenchem o vazio de cobertura deixado pela grande imprensa. Na imprensa do interior, independente do perfil, as notas sociais ocupam lugar de destaque. Mas nos jornais locais menos estruturados e nos jornais “quase artesanais”, elas ganham tom de mexericos e fofocas.

Considerações finais

Francisco de Assis (2013), ao apresentar o livro “Imprensa do Interior: conceitos a entender e contextos a desvendar”, diz que as pesquisas realizadas no âmbito da Comunicação carecem, em muitos momentos, de conceituação e olhares atentos sobre os aspectos conjunturais para compreender os fenômenos suscitados no cenário social. Nesse sentido, o artigo procurou entender os embates de ideias, que se colocam no vocábulo “interior” e “local” (ASSIS, 2013, p. 14).

Entende-se que a dimensão que envolve o local é ideológico e dialoga com o valor notícia de proximidade. Por conseguinte, esses elementos estão presentes na imprensa do interior e regional, que são publicações afastadas dos grandes centros urbanos e com características específicas, que atendem as necessidades cotidianas do leitor, em um espaço de circulação e produção geograficamente localizado.

Assim, compartilhando das afirmações de Assis (2013), o interior, em termos de pesquisa acadêmica, é a imprensa fora das capitais e que está situada na parte interna dos estados ou nas fronteiras das unidades federativas. Portanto, tratar a imprensa do interior é pensar as relações da mídia com as particularidades do território, em que são atribuídos os nomes “local” e “regional” (ASSIS, 2013, p. 14).

Dessa maneira, diz Assis (2013) que o debate sobre a realidade da imprensa em contextos interioranos vai muito além do tratamento sobre o local e o regional, mesmo que essas questões sejam tangenciais e significativas. Assim, são múltiplas as articulações teóricas que visam definir o que é a imprensa do interior e como contemplar as práticas jornalísticas que envolvem os veículos interioranos, que ora se afastam, ora se complementam, mas buscam compreender a heterogeneidade dos meios. Além disso, contribui-se para estreitar as diferenças conceituais, principalmente, em pesquisas que pouco percebem as diferenciações entre imprensa/jornalismo local/regional/do interior.

Referências

ASSIS, F. de. Apresentação: imprensa do interior: conceitos a entender, contextos a desvendar. *In*: ASSIS, F. de. **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013. p. 14-19.

BELTRÃO, L. O jornalismo interiorano a serviço das comunidades. *In*: ASSIS, F. de. **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013. p. 23-44.

BUENO, W. da C. Jornal do interior: conceitos e preconceitos. *In*: ASSIS, F. de. (Org) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CICILLINI, F.; LIMA, E. M. **O lugar do local: os jornais como meios de difusão da informação local**, Bauru: FAAC/UNESP. Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

COLUSSI, J. **Jornalismo regional e construção da cidadania: o caso da folha da região de Araçatuba**. Dissertação de Mestrado, FAAC- Bauru, 2005.

DORNELLES, B. O futuro do jornalismo em cidades do interior. *In*: ASSIS, F. de. (Org.) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013. p. 67-86.

LOPES, D. F.; COELHO SOBRINHO, J.; PROENÇA, J. L. (Org.). **A evolução do jornalismo em São Paulo**. São Paulo: Edicon: ECA/USP, 2a. ed, 1998.

LOSNAK, C. J. **Polifonia urbana: imagens e representações, Bauru 1950-1980**. Bauru: EDUSC, 2004.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *In: Revista Comunicação & Sociedade*. N. 43. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2005.

RIBEIRO, J. **A imprensa regional e as comunidades locais**: Jornal “Alvorada”: caracterização de um quinzenário local do concelho de Lourinhã. Dissertação (Mestrado em Antropologia: especialização em Imagem e Comunicação). ISCTE – IUL. Lisboa, 2010.

VICENTE, M. M. Comunicação local e cidadania. *In: VICENTE, M. M.; ROTHBERG, D. (Org.). Meios de comunicação e cidadania*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 59-80.